

Bruna Nadine Sousa Martins Pereira

Relações entre as Disposições Representacionais Maternas e a Segurança da Vinculação em Crianças de Idade Pré-escolar

Mestrado Integrado em Psicologia
2009

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade do Porto

Relações entre as Disposições Representacionais Maternas e a Segurança da Vinculação em Crianças de Idade Pré-escolar

Bruna Nadine Sousa Martins Pereira

Outubro 2009

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Ramo de Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob
orientação do Professor Doutor Pedro Nuno de Azevedo Lopes dos Santos (FPCEUP)

Resumo

Na Psicologia do Desenvolvimento, a vinculação surge como um conceito fundamental ao fornecer uma estrutura teórica para a conceptualização das relações sociais e emocionais ao longo da vida.

Bowlby (1988) referiu-se à vinculação baseando-se nas experiências de interacção e relação mãe-criança, inicialmente representadas como esquemas sensório-motores e que depois evoluem para modelos de funcionamento interno ou modelos representacionais que, explicitamente, representam essas interacções mas de uma forma mais abstracta e generalizada. De acordo com a experiência de cuidado inicial que a criança recebe, ela cria representações de si própria, dos outros e do mundo. Através da construção dos modelos representacionais, o indivíduo transporta as suas relações de vinculação primárias para futuras interacções com o prestador de cuidados e com outras pessoas, levando a uma relação de vinculação mais ou menos estável que atravessa contextos, pessoas e o próprio desenvolvimento do indivíduo.

Na tentativa de aferir a associação existente entre as respostas das crianças relativamente às representações e os seus comportamentos de vinculação com a sua mãe surgem as narrativas infantis, que constituem um meio privilegiado para compreender a forma como as crianças constroem e organizam os seus modelos representacionais.

Esta investigação pretende estudar e verificar até que ponto as representações que as mães têm acerca da sua postura como figura cuidadora estão relacionadas com as representações internas das crianças acerca das suas figuras parentais.

Neste estudo participaram, na totalidade, 203 mães e 71 crianças. Às mães da amostra foi solicitada a resposta ao Questionário das Representações Disposicionais Maternas (QRDM) e às crianças da amostra foi administrada a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

Relativamente ao QRDM, este mostrou-se susceptível de ser administrado. Ainda no que diz respeito ao QRDM, verificou-se que as dimensões *Disponibilidade Emocional* e *Evitamento* e *Gestão de Conflitos* contribuem para a explicação da segurança vinculação.

Palavras-chave: vinculação; modelos de funcionamento interno; narrativas; *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*; Questionário das Representações Disposicionais Maternas.

Abstract

In Psychology of Development the attachment emerges as a crucial concept that provides a theoretical structure to the reinforcement of both social and emotional relationships.

Bowlby (1988) referred to attachment relying on interaction experiences and mother-child relationships. Primarily, these experiences were represented as sensori-motor schemes which later evolved towards internal working models or representational models which explain those interactions in an abstract and generalized way. According to the initial care experience that a child gets, she creates representations about herself, about the others and about the surrounding world. Using the construction of working models, one individual transfers his primary attachment relationships to future interactions towards his caregiver and other people, achieving an attachment relationship more or less stable that can lay across situations, people and his own individual development.

In the attempt to assess the association given to the representations that were proposed to the children and their attachment behavior towards their mothers, the child narratives emerge, being a privileged mean to comprehend how children build and organize their models of representation.

This research intends to study and to verify how the representations that mothers have about their own attitude as caregiver figures are in relation to the internal representations of the children concerning their parental figures.

In this research the total of participants was 203 mothers and 71 children. The mothers of the children sample were asked to answer the Maternal Representational Disposition Questionnaire (MRDQ). The children of the picked sample were given the Attachment Story Completion Task (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990).

Concerning the MRDQ, it is able to be used. In what concerns to its scales, Emotional Availability and Avoidance and Conflict Management contribute to the explanation of the attachment security.

Key-words: attachment; internal working models; narratives; Attachment Story Completion Task; Maternal Representational Disposition Questionnaire.

Résumé

Dans la Psychologie du Développement l'attachement apparaît comme une idée fondamentale en fournissant une structure théorique pour la notion de relations sociales et émotionnelles toute au long de la vie.

Bowlby (1988) se réfère à l'attachement en se basant dans les expériences d'interaction et relation mère-enfant, initialement représentées comme des schèmes sensori-moteurs et que, après, vont évoluer pour des modèles de fonctionnement internes ou pour des modèles qui représentent celles interactions mais d'une façon plus abstraite et générale. Conformément l'expérience de soin initial que l'enfant reçoit, il va créer des représentations sur lui-même, sur les autres et sur le monde. Avec la construction des modèles de représentation, l'individu transpose ses relations d'attachement primaires pour des futures interactions avec le prêtre-soin et avec les autres personnes, ce que va conduire à une relation d'attachement permanente que sera capable de transposer des situations, des gens et le propre développement de l'individu.

Avec l'intention d'évaluer l'association entre les réponses des enfants dans ce qui concerne les représentations et leurs comportements d'attachement vers leurs mères, il apparaît les narrations infantiles qui sont un moyen privilégié pour comprendre la façon comme les enfants vont construire et organiser leurs modèles de représentation.

Cette recherche prétend étudier et vérifier jusqu'à ce que point les représentations que les mères ont sur sa conduite comme figure de soin, sont rapportées avec les représentations internes des enfants vers leurs figures parentales.

Dans cette étude, la totalité de participants était : 203 mères et 71 enfants. Aux mères aperçus, il était demandé la réponse au Questionnaire des Représentations de Disponibilité Maternelles (QRDM) et aux enfants aperçus la Tâche de Compléter des Histoires D'Attachement (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

Dans ce que concerne le QRDM, il est susceptible d'être utilisé. Encore dans ce que concerne le QRDM, on a vérifié que les échelles *Disponibilités Émotionnel et Évitement* et *Management de Conflits* ont contribué pour l'explication de la sécurité de l'attachement.

Mots-clé: attachement; modèles de fonctionnement internes; narrations; Tâche de Compléter des Histoires D'Attachement; Questionnaire des Représentations de Disponibilité Maternelles.

*A ti, Papá.
Que continues a orgulhar-te de mim.*

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Pedro Lopes dos Santos, mentor deste projecto. Agradeço todo o apoio, amabilidade e disponibilidade que sempre demonstrou ao longo desta jornada, que me permitiu levar mais esta etapa a bom porto.

Às crianças e mães, que tornaram possível a parte empírica deste trabalho.

Aos meus colegas, amigos e companheiros da FPCEUP:

À Soraia, pela alegria e boa disposição com que preencheu estes 5 anos, pela amizade e companheirismo que sempre demonstrou para comigo.

À Joana, obrigada por seres quem és, divertida e autêntica. Não tenho palavras para agradecer todo o teu apoio na fase final do meu trabalho, ficando apenas à espera de um dia poder retribuir. És um anjo, obrigada por tudo;

À Cátia, querida amiga cujo sorriso contagiante e palavras de muito apreço me ajudaram a não desistir;

Ao Daniel, “compatriota” e amigo, obrigada por estares sempre disponível.

À Catarina, amiga de uma vida...já não tenho palavras para ti, apenas quero agradecer-te pela tua presença constante e por me apoiares sempre na concretização dos meus objectivos e sonhos.

À minha família, por todos os princípios e ideais transmitidos que me tornaram quem sou hoje, em particular:

Ao Papá, obrigada por ser o anjo que ilumina o meu caminho;

À Mamã, pela sua presença e disponibilidade constantes;

À Sónia, a quem palavras não chegam para agradecer tudo o que fez por mim. Se não fosses tu, a concretização deste sonho não seria sequer possível. Obrigada por seres quem és e por estares sempre disponível para mim;

À Cristina, pela sua forma descontraída de estar na vida e de me apoiar e se preocupar comigo;

À Carla, por ser a primeira pessoa a quem recorro para quase tudo, sempre, a qualquer hora;

Ao meu Padrinho, obrigada pela disponibilidade e preocupação constantes;

Ao Jorge, agradeço por teres aparecido na minha vida e por teres colorido os meus dias com uma presença constante de atenção, amor e carinho.

Índice

Introdução.....	3
Capítulo I: Enquadramento teórico	5
1. Vinculação: Pressupostos e sistema comportamental e relacional.....	6
2. Modelos de funcionamento interno.....	10
2.1. Modelos de funcionamento interno: Os pais	12
2.2. Modelos de funcionamento interno: A criança.....	15
3. Do universo representacional à realidade comportamental: As narrativas.....	17
Capítulo II: Estudo empírico – Introdução à metodologia	19
Capítulo III: Questionário das Representações Disposicionais Maternas	22
1. Introdução	23
2. Questionário das Representações Disposicionais Maternas	23
3. Método	24
3.1. Participantes	24
3.2. Procedimento.....	24
4. Resultados	25
5. Conclusões	29
Capítulo IV: <i>Tarefa de Completar Histórias de Vinculação</i>.....	30
1. Introdução	31
2. <i>Tarefa de Completar Histórias de Vinculação</i>	31
3. Método	32
3.1. Participantes	32
3.2. Procedimento.....	32
4. Resultados	33
5. Conclusões	36
Capítulo V: Discutindo e concluindo - limitações e orientações para o futuro	38
Referências.....	41
Anexos	49

Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionário das Representações Disposicionais Maternas – Versões masculina e feminina

Anexo 2 – Fotos dos materiais utilizados na *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*

Anexo 3 – PDF (Portable Document Format) com a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Anexo Externo)

Anexo 4 – Carta de autorização enviada aos pais

Anexo 5 – Folha de registo observacional

Introdução

Os estudos pioneiros no âmbito da relação entre a figura parental e a criança surgiram na década de 40, após o fim da Segunda Guerra Mundial (Cruz, 2005). Este interesse em estudar o papel da relação entre o prestador de cuidados e a criança teve continuidade ao longo das últimas décadas, versando o desenvolvimento social e cognitivo da criança e relacionando-o com a qualidade relacional desde as idades mais precoces (Laible & Thompson, 2000).

De acordo com a investigação relativa ao tema da vinculação, a relação de segurança entre a criança e a figura parental relaciona-se com um contexto adequado ao desenvolvimento de responsividade relacional providenciando bases para o desenvolvimento de competências sociais (Page & Bretherton, 2001). Deste modo, com vista ao salutar desenvolvimento da relação da díade, torna-se central estudar a constituição deste laço relacional, bem como a forma como ele existe internamente e como se manifesta comportamentalmente.

Tal como foi demonstrado por Bowlby (1982b) no primeiro volume da trilogia “*Attachment and Loss*”, grande parte da investigação acerca da vinculação baseia-se no modelo de controlo de sistemas e no conceito de “base segura”, bem como nos trabalhos teóricos e empíricos de Ainsworth (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1979). Aqui, o interesse centrava-se na infância, e qualquer representação da vinculação era quase que necessariamente sensório-motora. Posteriormente, nos volumes seguintes da mesma obra, a grande maioria dos artigos de Bowlby (e.g. Bowlby, 1988), e investigações recentes o foco é colocado nas representações mentais da vinculação a que Bowlby se tem referido como modelos de funcionamento interno – “*internal working models*” – (Waters, Vaughn, Posada, & Kondo-Ikemura, 1995).

Internamente, importa dedicar algum espaço desta dissertação ao conceito de “*internal working models*” introduzido por Bowlby (1980; 1982b), referindo-se à estrutura interna que guia as expectativas da criança acerca da disponibilidade e responsividade da figura cuidadora e que contribui para a construção dos modelos de relacionamento com outras figuras do mundo social (Sroufe, 1983).

A concepção de Bowlby atribui uma grande importância à comunicação entre a criança e a figura parental para o desenvolvimento da vinculação, o que se reflecte nos mais recentes métodos de avaliação, especialmente no uso de entrevistas e de narrativas

para avaliar a vinculação na criança (Oppenheim & Waters, 1995). Segundo Oppenheim (2006), a utilização de narrativas em alguns estudos proporciona uma forma de estudar processos com significado afectivo, o desenvolvimento desses processos entre a criança e os pais, bem como a sua avaliação não só em adultos, adolescentes e crianças de idade escolar, mas também em crianças de idade pré-escolar. Assim, a investigação com base nas narrativas tem potencial para fornecer nova informação com relevância teórica relativa ao desenvolvimento da psicopatologia e à elaboração de estratégias de intervenção.

A revisão de métodos narrativos organiza-se de acordo com três principais pontos: a criança, a figura parental e a díade criança-pais. Estudos que se focam na criança têm tipicamente empregue métodos narrativos, presentes em instrumentos como a *MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, Emde, & The MacArthur Narrative Group, 1990) ou a *Attachment Story Completion Task* (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990), na qual as crianças devem completar histórias iniciadas pelo examinador. Estudos focalizados nos pais também utilizam métodos narrativos, como por exemplo, a *Working Model of the Child Interview* (Zeanah, Benoit, Hirshberg, Barton, & Regan, 1995), que constitui uma entrevista estruturada para aceder às representações internas dos pais relativamente à criança, abrangendo domínios onde se incluem o comportamento e as emoções dos seus filhos.

Esta dissertação está organizada em 5 Capítulos. No Capítulo 1 será desenvolvido o enquadramento teórico subjacente à investigação, com incidência numa breve referência à vinculação e seus principais pressupostos, na explicação dos modelos de funcionamento interno, diferenciando entre o papel que desenvolvem tanto nos pais como nas crianças, e na referência às narrativas como elementos chave na passagem do comportamento à representação. No Capítulo 2 efectua-se uma breve apresentação à metodologia utilizada no estudo empírico. Nos Capítulos 3 e 4 surgem os instrumentos utilizados neste estudo, respectivamente, o Questionário das Representações Disposicionais Maternas e a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990), bem como os métodos e procedimentos seguidos, resultados e conclusões particulares. No Capítulo 5, surge a discussão de alguns aspectos, as conclusões gerais e as limitações sentidas na realização do trabalho, bem como algumas sugestões para investigações futuras.

Capítulo I

Enquadramento teórico

1.Vinculação: Pressupostos e sistema comportamental e relacional

Em busca de uma parentalidade cada vez mais eficaz, torna-se imperativo conhecer a natureza contextual, social e psicológica em que esta se desenvolve (Bowlby, 1988).

Bowlby (1982b, 1988) defende uma abordagem etológica da parentalidade, segundo a qual o laço que liga a criança à sua mãe¹ resulta de um conjunto pré-programado de padrões de comportamento que têm o efeito de manter a criança mais ou menos próxima da sua mãe. O termo “laço” está relacionado com o conceito de vinculação, referindo-se à ligação afectiva, recíproca e duradoura, que se estabelece entre o bebé e a figura prestadora de cuidados (Ainsworth, 1989; Egeland, 2004; Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Apesar de o comportamento vincutivo se verificar com maior frequência na primeira infância, este pode ser observado ao longo da vida, particularmente em situações de stress (Bretherton & Waters, 1985).

À semelhança de outros sistemas comportamentais básicos, crê-se que o comportamento de vinculação desenvolveu-se através de um processo de selecção natural (Ainsworth, 1989). Segundo Bowlby (1958, 1982b), aquando da evolução humana, a selecção genética proporcionava um aumento da probabilidade de protecção e de sobrevivência da criança, ao garantir uma maior proximidade entre a criança e o seu prestador de cuidados. Devido a esta função biológica do comportamento de vinculação, a criança tende a procurar o conforto dos pais, sobretudo em situação de perigo (Cassidy, 1999). Cria-se, assim, uma ligação especialmente forte entre a criança e a sua figura de vinculação que surge de uma necessidade biológica de proximidade, não tendo por base qualquer processo de aprendizagem.

Ainsworth (1989) considera que a criança, quando nasce, vem “equipada” com um conjunto de comportamentos característicos da espécie que promovem a proximidade ao seu prestador de cuidados. Inicialmente, estes comportamentos de vinculação não são dirigidos a uma pessoa em particular, mas gradualmente o bebé começa a discriminar as pessoas e a orientar os seus sinais de vinculação de forma diferenciada.

¹ À semelhança do que sucede na generalidade dos trabalhos produzidos no domínio da teoria da vinculação, o termo mãe não se refere necessariamente à mãe biológica dos indivíduos. Com esta palavra pretende-se designar qualquer figura (feminina ou masculina, ligada ou não por laços de sangue) que desempenha, numa base regular, funções de prestador de cuidados à criança.

Tradicionalmente, a questão relativa aos determinantes da variação da qualidade da relação entre a figura de vinculação e a criança foi estudada à luz da interacção entre as características da criança vs a natureza dos cuidados proporcionados pela mãe. Outros autores defendem que estes dois pontos de vista não são mutuamente exclusivos, mas que reflectem diferenças no papel da figura de vinculação e da criança, determinando a forma como a relação entre estes dois agentes se irá desenvolver (Belsky & Nezworski, 1988).

Para uma correcta avaliação da relação entre a mãe e a criança, é necessário ter em conta a mãe enquanto prestadora de cuidados, agente que interage com a criança e enquanto figura de vinculação. Todas as mães são responsáveis em dar resposta às necessidades mais básicas da criança, nomeadamente, nutrição adequada, habitação, “calor humano” e protecção (Crittenden, 1988).

A localização e o comportamento da mãe (ausência, distanciamento ou rejeição), as condições do ambiente (permanência em sítios estranhos, presença de estímulos ameaçadores) e a própria condição da criança que pode experienciar dor, fadiga, doença e fome, constituem factores que tendem a activar o sistema comportamental de vinculação (Cassidy, 1999). Nestas condições, quando a criança estabelece contacto ou obtém proximidade com a figura de vinculação irá recuperar o equilíbrio homeostático representado, sob o ponto de vista psíquico, pelo predomínio de sentimentos de conforto e de segurança (Bowlby, 1988).

De acordo com Belsky e Nezworski (1988), a teoria da vinculação estipula que o desenvolvimento dos sentimentos de segurança e controlo no decorrer da relação criança-mãe contribuem para a regulação do afecto, o estabelecimento de relações sociais e o ajustamento, por parte da criança, a tarefas desenvolvimentais subsequentes.

A vinculação constitui assim um padrão de interacção emocional e comportamental, que se desenvolve ao longo do tempo, à medida que a criança e o seu prestador de cuidados interagem, especialmente quando a criança solicita atenção e conforto (Egeland, 2004). A resposta da mãe às solicitações da sua criança ajudam a moldar a relação de vinculação nesse mesmo padrão interaccional. No final do primeiro ano de vida da criança, o histórico da relação e das interacções com a mesma figura de vinculação irá permitir à criança começar a reconhecer e antecipar o comportamento da sua mãe aquando das suas solicitações, permitindo-lhe também actuar de acordo com as suas próprias expectativas em relação a essas respostas do seu prestador de cuidados.

Subjacente ao comportamento de vinculação existe um sistema comportamental vincutivo que se desenvolve na infância no qual se instituem várias atitudes vincutivas, tais como o sorriso, o choro, a aproximação, o chamar, o seguir ou o tocar (Bowlby, 1982b). Estas tentativas de contacto com a figura de vinculação, segundo a concepção de “homeostasia comportamental” de Bowlby (1982b), representam avisos que alertam a mãe para o interesse da criança em estabelecer uma interacção, tendo como consequência previsível a manutenção da distância desejável, dependentemente das circunstâncias (Ainsworth (1989); Cassidy (1999); Bretherton e Munholland (1999). Deste modo, quando a distância entre a criança e a mãe se torna muito longa no espaço ou no tempo, o sistema de vinculação activa-se. Quando a proximidade desejável é alcançada, o sistema é desactivado (Cassidy, 1999). Por outro lado, tendo o mero conhecimento de que a figura de vinculação se encontra disponível e responsiva, a criança experiencia um sentimento de segurança que a encoraja a valorizar e a dar continuidade à relação (Bowlby, 1982a).

Bowlby (1982b) propõe que todas as crianças, independentemente da forma como são tratadas, se vinculam a pessoas que cuidam delas. A qualidade destas relações de vinculação varia de acordo com a qualidade do cuidado que é prestado à criança. Com efeito, a qualidade desta experiência inicial e a relação que a partir dela se estabelece, exercem uma influência decisiva no futuro desenvolvimento da criança (Sroufe, 1988). É a partir destas primeiras relações que a criança cria modelos representacionais de si e dos outros, que irão exercer uma grande influência nas transacções que a criança estabelece com o meio ambiente. Uma relação de vinculação ansiosa não causa necessariamente uma posterior incapacidade nas relações sociais com os pares, um comportamento anti-social ou uma depressão, mas contribui para uma maior probabilidade de emergência destes problemas.

Praticamente todas as crianças estabelecem uma relação de vinculação com o seu prestador de cuidados. No entanto, esta relação nem sempre representa uma vinculação segura, pois esta apenas ocorre quando a criança possui uma representação mental da figura de vinculação como sendo receptiva/responsiva e estando disponível quando necessária. Quando a criança carece desta representação, considera-se que tem uma vinculação insegura.

Também George (1996) refere que a experiência de situações negativas, como o abuso ou a falta de sensibilidade da figura cuidadora, é uma fonte despoletadora de representações negativas acerca da mesma, correspondendo a representações

igualmente negativas de si. Este processo pode culminar numa relação de vinculação insegura.

Teóricos contemporâneos da vinculação defendem que as experiências precoces da díade relacional, têm um enorme impacto para o desenvolvimento de modelos representacionais internos sobre o self e o self em relação com os outros (Bretherton, 1991). Com base nestas experiências precoces com as figuras cuidadoras, a criança desenvolve estruturas mentais complexas, de natureza representacional (Baldwin, 1992).

2. Modelos de funcionamento interno

As representações internas são conceptualizadas como uma importante variável no desenvolvimento da pessoa, construindo-se a partir das relações precoces que a criança estabelece com as figuras cuidadoras (Levy, Blatt, & Shaver, 1998).

Bowlby utilizou o termo “modelo de funcionamento interno” do *self* e da figura de vinculação para realçar a vertente dinâmica e funcional das representações (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). Estas representações - “modelos representacionais” ou “modelos de funcionamento interno” - permitem aos indivíduos antecipar o futuro e fazer planos e, com isso, actuar de um modo mais eficaz. Normalmente, a criança tem em conta estes modelos quando, por exemplo, tem de tomar uma decisão relativamente a qual comportamento específico de vinculação deve usar numa dada situação, e com determinada pessoa (Bowlby, 1982b). O desenvolvimento de relações de vinculação saudáveis tem a sua base numa actualização contínua e no bom ajustamento destes modelos (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990).

Fivush (2006) explorou alguns dos princípios subjacentes aos modelos de funcionamento interno, que se supõe: 1) surgirem a partir de experiências sensório-motoras primárias, baseadas no comportamento das figuras de vinculação; 2) serem razoavelmente estáveis ao longo do tempo; 3) serem representações generalizadas, proporcionando modelos generalizados de si próprio, dos outros e do mundo, de modo a que os indivíduos generalizem com outras pessoas e noutros contextos quando anteciparem e interpretarem as experiências; 4) serem transmitidos intergeracionalmente, de modo a que mães com uma vinculação segura tenham crianças com uma vinculação segura, estas que vão crescer para serem mães seguras com crianças seguras, e assim sucessivamente.

Cada pessoa carrega um historial de experiências sociais e um conjunto exclusivo de memórias, crenças e expectativas que guiam o modo como interage com os outros e como constrói o seu mundo social. À medida que conhece novas pessoas e desenvolve novas relações, as representações construídas inicialmente vão evoluindo. Dodge, Pettit, Bates e Valente (1996) defendem que as experiências relacionais na infância são internalizadas sob a forma das expectativas que o indivíduo cria de como será tratado pelos outros. Estas expectativas influenciam o ajustamento social do indivíduo, bem como o julgamento, as interpretações e a resposta ao comportamento dos outros. Estes autores afirmam, ainda, que as relações com as figuras parentais são particularmente

importantes para a formação destas representações, estas que constituem ferramentas fundamentais para a interpretação do mundo social, remetendo a importância da teoria da vinculação.

O sistema comportamental de vinculação organiza-se em torno de elementos cognitivo-afectivos, particularmente, das representações mentais que a criança constrói de si mesma, da sua figura de vinculação e do contexto, que se baseiam na experiência (Bowlby, 1982b). Estas representações mentais ou esquemas influenciam as expectativas e os sentimentos do indivíduo, bem como a forma de actuar e o comportamento deste, caracterizando o seu modo de relacionamento interpessoal (Slade & Aber, 1992; Diamond & Blatt, 1994).

De acordo com Bowlby (1973), cada indivíduo constrói modelos de funcionamento do mundo e de si próprio e, tendo em conta esses modelos, o sujeito é capaz de compreender eventos, prever acontecimentos futuros e delinear os seus projectos de vida. Numa relação de vinculação, os modelos de funcionamento geram expectativas em relação a si próprio e aos outros, expectativas essas que irão “guiar” o comportamento e interpretar as experiências (Belsky & Nezworski, 1988). Relativamente ao modelo de funcionamento que o indivíduo possui do mundo, é importante a noção que o indivíduo tem acerca de quem são as suas figuras de vinculação, onde é que as pode encontrar e de que forma espera que elas respondam quando as procura. Igualmente, no que toca ao modelo de funcionamento que o sujeito tem de si próprio, um conceito chave é a sua noção de quão aceitável ou inaceitável ele próprio é aos olhos das suas figuras de vinculação.

Acompanhando o desenvolvimento das estruturas comportamentais, cognitivas e emocionais, os modelos representacionais que o indivíduo vai construindo nas suas várias interacções com o mundo que o rodeia tendem a tornar-se cada vez mais complexos (Bowlby, 1973; Bretherton & Munholland, 1999).

2.1. Modelos de funcionamento interno: Os pais

A compreensão do conceito de representações internas, bem como o seu papel na organização dos padrões de vinculação é um aspecto central da teoria que atribui à mãe uma função primordial neste processo (Schechter, Zygmunt, Coates, Davies, Trabka, McCaw, Kolodji, & Robinson, 2007).

A interacção entre a criança e o seu prestador de cuidados constitui a base para o desenvolvimento da noção de *self* e do outro (Harel, Oppenheim, Tirosh, & Gini, 1999). Fogel (1995) defende que o *self* é construído através de diálogos que envolvem influências mútuas entre a criança e o outro, sendo que o segundo é um elemento fundamental neste processo relacional.

Durante a infância, a sensibilidade da mãe funciona como um pilar essencial ao desenvolvimento de modelos representacionais seguros (Bowlby, 1973). Assim, a internalização das interações entre a criança e a figura materna influencia o comportamento interpessoal do indivíduo durante a infância e mesmo ao longo do seu ciclo de vida, determinando a qualidade das relações interpessoais estabelecidas (Sroufe, 2000).

Um elemento central para a qualidade da relação de vinculação é a capacidade da figura cuidadora se colocar no ponto de vista da criança, tendo em conta os seus sentimentos, percebendo os motivos subjacentes aos comportamentos, desejos e objectivos (Oppenheim, Koren-Karie, & Sagi, 2001). A emotividade na comunicação, bem como a correcta interpretação dos sinais da criança, surgem como importantes pontos a ter em conta no desenvolvimento de uma relação de vinculação segura (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

À medida que a criança desenvolve a linguagem e adquire competências cognitivas cada vez mais complexas, a figura de vinculação continua a ter um papel influente na elaboração dos modelos representacionais, através do envolvimento activo em processos de co-construção narrativa que se desenrolam nas conversas sobre experiências emocionais (e.g., Fivush, Haden & Reese, 2006; Harris, 1999; Koren-Karie, Oppenheim, Haimovitch, & Etzion-Carasso, 2003; Thompson, 2006).

A postura da figura cuidadora nos diálogos com a criança exerce um papel preponderante, servindo de suporte para a exploração do mundo interno e de factor de mediação na regulação emocional (Oppenheim, Koren-Karie, & Sagi-Schwartz, 2007).

O papel das representações dos pais acerca das suas crianças, representa um aspecto central da teoria da vinculação. Zeanah, Benoit, Hirshberg, Barton e Reagen (1994), através da *Working Model of the Child Interview*, verificaram que as figuras cuidadoras das díades seguras tinham valores mais altos nas subescalas referentes à percepção sobre a criança, à abertura à mudança, à coerência narrativa e à sensibilidade na descrição das crianças.

A literatura relata várias relações consistentes entre a qualidade da relação vinculativa e a construção de modelos representacionais, com repercussões positivas para o desenvolvimento da empatia, da responsividade e da autonomia (Page & Bretherton, 2003), bem como para a expressão afectiva, a internalização de relações e o funcionamento interpessoal (Niec & Russ, 1996).

As figuras parentais de crianças com vinculação segura são geralmente mais disponíveis, responsivas e mais sensíveis aos sentimentos e necessidades dos filhos comparativamente com os pais de crianças com vinculação insegura (Levy, Blatt, & Shaver, 1998). O evitamento, rejeição, ansiedade das figuras parentais e excesso de zelo com as crianças, muitas vezes torna-se intrusivo e inconsistente.

Os pais de crianças com um estilo vinculativo desorganizado, tendem a ser mais problemáticos, abusivos e depressivos, muitas vezes porque também tiveram com a sua figura parental uma relação de vinculação menos positiva, por vezes traumática e com perdas (Belsky & Cassidy, 1994).

Bowlby (1988) defendia que os problemas emocionais e comportamentais das crianças tinham as suas raízes em lacunas na empatia, protecção e segurança fornecidas pelo prestador de cuidados, bem como na sua falta de perspicácia em perceber todas as necessidades das crianças. Desta forma, os comportamentos parentais desadequados podem contribuir para a construção de modelos representacionais negativos acerca de si e do mundo, emergindo como um factor desenvolvimental pouco saudável.

Como exemplo, surgem as crianças vítimas de maus-tratos por parte das figuras cuidadoras. A literatura refere que estas crianças internalizaram representações negativas acerca do mundo (Horton & Cruise, 1997), do *self* e das restantes figuras significativas (Briere, 1992). Esta população revela lacunas ao nível afectivo e comportamental, fruto da relação vinculativa insegura e dos guiões relacionais construídos (Horton & Cruise, 1997).

Também os estilos educativos parentais podem ser potenciais despoletadores de várias consequências para a segurança da díade e das representações internas do mundo. Os pais cujas práticas tendem para o estilo autoritário tendem a ter crianças com limitações sociais na interacção com pares e nas iniciativas sociais (Lopes, Rutherford, Cruz, Mathur, & Quinn, 2006). Já as crianças com figuras parentais marcadamente permissivas tendem a ser mais imaturas, menos independentes e exploradoras, enquanto as crianças com pais negligentes tendem a desenvolver comportamentos anti-sociais (Lopes *et al.*, 2006).

As experiências de violência sofridas pela figura cuidadora podem revelar-se um factor de risco na construção de representações acerca da sua criança (Schechter *et al.*, 2007), o que se poderá reflectir na relação de vinculação com a sua criança, propendendo para uma vinculação insegura (Huth-Bocks, Levendovsky, Theran, & Bogat, 2004).

Recentemente, as cognições parentais – entendidas como generalizações codificadas na memória semântica acerca do exercício da parentalidade – têm sido estudadas como meio de melhor apreender as características do comportamento materno (e.g., Crittenden & Claussen, 2000). Estas representações encontram-se codificadas verbalmente e exprimem as crenças dos indivíduos relativas ao papel parental. As disposições representacionais derivadas de tais representações podem ser avaliadas pelo próprio e começam a desenvolver-se por volta dos 3 anos de vida (i.e., após a emergência da linguagem). Sob o efeito da maturação e da experiência tornam-se, com o tempo, mais complexas e articuladas. Dada a sua dependência em relação à linguagem verbal, as disposições representacionais da parentalidade organizam-se inicialmente através da apreensão dos modelos de comportamento dos próprios pais do indivíduo e são influenciados, ao longo da vida, pelas opiniões e atitudes de aprovação ou reprovação dos outros.

No entanto, avaliar os comportamentos parentais e os estilos interaccionais dos pais não é por si suficiente para apreender o significado da relação criança-figura cuidadora (Zeanah & Barton, 1989). Deste modo, torna-se importante investir igualmente no ponto de vista da criança, de modo a perceber os modelos e as representações deste pólo da díade.

2.2. Modelos de funcionamento interno: A criança

A criança constrói activamente a sua realidade ao criar as suas próprias experiências e ao viver rodeada de variadas fontes de informação acerca do seu mundo social.

Ao longo do primeiro ano de vida, a criança constrói gradualmente expectativas acerca dos vários acontecimentos que ocorrem consigo nos seus vários ciclos diários. À medida que esses ciclos se adaptam ao ritmo do prestador de cuidados, a criança começa a organizar essas expectativas internamente naquilo a que Bowlby (1982b) nomeou de “modelos de funcionamento” do ambiente físico, das figuras de vinculação e de si próprio (Ainsworth, 1989). Outros autores como Collins e Read (1994), Fonagy e Target (1997) ou Bretherton e Munholland (1999), descrevem este conceito de modo semelhante, utilizando os termos “esquemas”, “*scripts*”, “protótipos”, “representação mental”, “modelo funcional” ou “estado mental”.

As primeiras representações que formam o modelo de funcionamento interno são formadas e esquematizadas pela organização da memória em termos daquilo que a criança solicita e é correspondida para obter conforto e segurança. Isto irá reflectir-se na experiência social futura (Collins & Read, 1994).

É na estrutura destes modelos representacionais que o indivíduo encontra a informação de quão acessíveis e responsivas as suas figuras de vinculação se encontram, de modo a lhes recorrer para apoio. Quanto melhor o modelo de funcionamento conseguir simular aspectos significativos do mundo, maior é a capacidade potencial de planear e responder de um organismo (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990).

Tendo em conta este ponto de vista, Bretherton e Munholland (1999) reforçam que quando a criança possui um modelo de funcionamento em relação às suas figuras de vinculação como estando emocionalmente disponíveis e como sendo estimuladoras de actividades exploratórias, irá construir um modelo de funcionamento de si própria como sendo uma pessoa idónea e estimada. Ao invés, quando a criança possui um modelo de funcionamento das suas figuras de vinculação como pessoas que rejeitam ou ignoram o comportamento de vinculação e/ou com uma atitude de interferência nos momentos de exploração, irá resultar na construção de um modelo de funcionamento de si própria como sendo uma pessoa incapaz e desvalorizada.

Não é difícil encontrar na literatura estudos que relacionem o funcionamento interpessoal, social e emocional do sujeito aos laços precoces criados em tenra idade com a figura cuidadora (e.g., Erickson, Sroufe, & Egeland, 1985; Grossman & Sroufe, 1992). A internalização das interações mãe-criança tem repercussões para a criança, não só enquanto criança, mas também ao longo de todo o ciclo de vida (Niec & Russ, 2002).

De acordo com Bowlby (1973), os modelos de funcionamento que a criança possui das figuras de vinculação e de si próprio podem ser analisados segundo a dimensão da diferenciação dos papéis desempenhados por ambos. Ou seja, o facto de a figura de vinculação se encontrar disponível e ter uma atitude responsiva pode despoletar, pelo menos, duas variantes: 1) a figura de vinculação pode ou não ser considerada o tipo de pessoa que geralmente responde a solicitações de apoio e protecção; 2) a própria criança pode ou não ser considerada o tipo de pessoa para quem qualquer pessoa, em particular a figura de vinculação, dirija uma resposta de apoio. Quando uma criança é indesejada ou experiencia rejeição pelas suas figuras de vinculação, é provável que acredite ser indesejável para qualquer pessoa. Contrariamente, quando uma criança sente afeição, disponibilidade e apoio da parte das suas figuras de vinculação pode crescer não apenas confiante dessa estima, mas também segura de que todas as pessoas irão vê-la como alguém desejável e digna de ser amada (Bowlby, 1973; Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990).

3. Do universo representacional à realidade comportamental: As narrativas

Já foi referido, nesta revisão de literatura, que a qualidade da díade relacional mãe-criança projecta a construção de percepções acerca das relações futuras da criança (Page, 2001). Neste universo representacional, as representações infantis sobre as figuras parentais e as expectativas face ao comportamento destas, são transportadas para a realidade comportamental no modo como as crianças descrevem os personagens das suas narrativas (Clyman, 2003).

A idade do pré-escolar é um período particularmente importante para avaliar as representações acerca do *self* e do outro, surgindo igualmente como um momento relevante para utilizar as narrativas infantis em instrumentos de complemento de histórias (Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan, & Vanmeenen, 2000).

Um estudo desenvolvido por Miljkovitch, Pierrehumbert, Bretherton e Halfon (2004) concluiu que é possível aceder às estratégias representacionais de crianças com apenas três anos, a partir da finalização de narrativas. Referem ainda que estas estratégias estão de acordo com estratégias representacionais de vinculação semelhantes às utilizadas pelas suas mães.

Os instrumentos que assentam a sua metodologia em tarefas de complemento de histórias com vista a aceder aos seus modelos representacionais têm contribuído largamente para o desenvolvimento da investigação no âmbito do estudo da internalização moral, da regulação comportamental no seio familiar e da teoria da vinculação (Robinson, 2007). Através da metodologia destes instrumentos, é possível aceder a representações relacionadas com as dimensões pró-sociais e empatia das crianças, bem como a coerência narrativa e desorganização presente ao longo das histórias, concluindo acerca da postura da criança durante a administração da tarefa (Robinson, 2007). Os resultados obtidos nas tarefas reflectem, de certa forma, índices relativos aos modelos internos inerentes à vinculação e à segurança relacional com as figuras cuidadoras (Robinson, 2007).

Vários estudos têm sido levados a cabo com o objectivo de validar empiricamente instrumentos que forneçam um meio fiável de aceder aos modelos representacionais (Priel, Myodovnik, & Rivlin-Beniaminy, 1995). Os instrumentos construídos recorrem a vários métodos de forma a cumprir os objectivos a que se propõem. De entre estes

métodos, podem ser destacadas as técnicas projectivas, a análise de desenhos (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985; Solomon & George, 1999), o jogo com bonecos (Bretherton, 1985; Solomon & George, 1999) as entrevistas semi-estruturadas ou as histórias para completar. Este último método, seguido de uma análise das narrativas, surge como uma forma válida e estável ao longo do tempo, de aceder às representações internas (Robinson, 2007).

Pode facilmente elencar-se vários instrumentos que obedecem a esta metodologia, citando-se como exemplo, o *Attachment Doll Play Interview* (Oppenheim, 1997), a *MacArthur Story Stem Battery* (MSSB) (Bretherton & Oppenheim, 2003; Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, Emde, & the MacArthur Narrative Group, 1990) ou a *Attachment Story Completion Task* (ASCT) (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990) – esta última foco de maior atenção no decorrer desta dissertação, sob o título português.

As narrativas infantis constituem um meio privilegiado para compreender a forma como as crianças constroem e organizam os seus modelos representacionais, tornando possível documentar e descrever as transacções entre o mundo interno e externo, bem como o passado e o presente das crianças (Seligman, 1991).

Relativamente ao universo comportamental, encontramos na literatura várias referências ao elo existente entre o universo representacional e a realidade comportamental das crianças. Os autores Rudolph, Hammen e Burge (1995) são exemplo disso, defendendo que as representações negativas do self e das figuras parentais, estão significativamente ligados com comportamentos de rejeição e baixos índices de comportamento social. De igual forma, a insegurança dos modelos internos espelham frequentemente expectativas sociais empobrecidas e negativas, culminando na falha na interacção social (Rose-Krasnor, Rubin, & Booth, 1996). Por outro lado, as representações positivas, resultantes de uma relação de vinculação segura, culminam num contexto propício ao desenvolvimento de competências como a empatia, a resolução positiva de conflitos e a responsividade face a situações de stress (Page & Bretherton, 2001).

Capítulo II

Estudo empírico – Introdução à metodologia

No seguimento da resenha teórica apresentada no capítulo anterior, o objectivo desta dissertação recai no estudo das representações das mães e da sua relação com a segurança da vinculação das suas crianças.

O interesse em estudar as representações relacionais do ponto de vista dos pais já vem desde há algumas décadas. A capacidade das figuras parentais se colocarem no ponto de vista das crianças e antever as suas necessidades, foi foco de estudo durante os últimos anos (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) prendendo-se com vários factores da relação, como por exemplo os diálogos entre mãe-criança (Main, 1996), as lacunas na empatia ou na segurança relacional (Bowlby, 1988). A perspicácia das figuras cuidadoras, que envolve a compreensão completa das motivações e comportamentos das crianças foi assim, durante largos tempos, um foco quase unilateral do interesse da literatura (Oppenheim & Koren-Karie, 2002).

Mais recentemente surgiu um novo interesse no estudo das representações internas, onde a atenção voltou-se para as crianças e para o estudo das suas representações acerca do mundo e das próprias figuras parentais (Bretherton, 2003). As narrativas infantis, vêm assim permitir o acesso ao mundo interno das crianças, inferindo acerca da forma como pensam e sentem nas relações com as suas figuras significativas (Robinson, 2007).

Apesar da investigação se focar nestes dois pontos de vista, estes não podem ser tidos nem lidos de forma independente e indissociada. Uma visão holística da realidade da díade deve ter em consideração as representações maternas acerca da forma como estas também se vêem como figuras cuidadoras (Koren-Karie, Oppenheim, Dolev, Sher, & Etzion-Carasso, 2002) mas também não colocar de lado a forma como se desenvolvem as representações infantis acerca da família e das figuras significativas (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). Este estudo conjugado tem contribuído ao longo dos últimos anos para um entendimento mais alargado dos fenómenos da vinculação (Robinson, 2007) ou para a análise dos processos associados ao desenvolvimento das competências da regulação emocional (Zahn-Waxler, Cole, Richardson, Friedman, Michel, & Belouad, 1994)

No entanto, nem sempre é fácil conjugar estas duas ópticas. Apesar da abundância de estudos, estes tendem a enfatizar apenas um dos pólos representacionais, deixando para segundo plano ou negligenciando o outro. Deste modo, surge a pertinência da contribuição para a construção de pontes entre estas duas

perspectivas. Estas pontes devem colaborar na construção de uma leitura da realidade mais abrangente e compreensiva.

O presente estudo pretende, então, averiguar até que ponto as representações que as mães têm acerca da sua postura como figura cuidadora estão relacionadas com as representações internas das crianças acerca das suas figuras parentais. Nesse sentido, recorreu-se ao constructo das disposições representacionais da parentalidade (Crittenden & Claussen, 2000), concebidas como cognições ou crenças generalizadas armazenadas na memória semântica que reflectem as concepções dos pais acerca do modo como exercem (ou pensam que deve ser exercida) a parentalidade.

As representações das mães são avaliadas através de um questionário criado especialmente para este momento de investigação – Questionário das Representações Disposicionais Maternas (QRDM). Este questionário avalia as mães – através das suas auto-respostas em respostas fechadas numa Escala de Likert – em três dimensões: *Disponibilidade Emocional, Actividades Relacionais Lúdicas e Evitamento e Gestão de Conflitos*.

Relativamente às representações das crianças, estas são avaliadas através da *Attachment Story Completion Task (ASCT) - Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Bretherton, Ridgway, & Cassidy, 1990).

Em seguida apresentar-se-á o estudo das relações entre as representações maternas e infantis, avaliadas com os instrumentos já mencionados.

Capítulo III

Questionário das Representações Disposicionais Maternas

1.Introdução

A necessidade de dispor de uma ferramenta que avaliasse as representações disposicionais das mães relativas ao exercício da parentalidade levou à construção de um questionário no qual estivessem contempladas as dimensões que se propôs investigar. O presente capítulo dá conta desse processo e das análises efectuadas para examinar as principais propriedades métricas do instrumento elaborado.

Como referido anteriormente, independentemente dos conteúdos temáticos das narrativas que integram a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*, o estudo detalhado das respostas parentais – tal como representadas pelas crianças no quadro de administrações precedentes desta prova – revelou que o “comportamento dos adultos” era passível de ser tipificado em várias grandes categorias (Lopes-dos-Santos, 2009) entre as quais se destacavam: 1) a *disponibilidade emocional* face à aflição, ao mal estar ou sofrimento da criança; 2) a iniciativa em criar situações *lúdicas* e em envolver-se nelas com aparente satisfação dos parceiros de interacção; 3) o modo de reacção face às situações narrativas desenvolvidas, introduzindo eventuais *conflitos* perante determinados comportamentos da criança, ou amplificando/diminuindo reacções de antagonismo potencialmente despertadas por certas situações.

Assim, procurou-se que os itens do questionário construído para o efeito contemplassem essas três dimensões. Com base em instrumentos já existentes, em entrevistas e análises conceptuais, foi elaborado um primeiro *corpus* de 30 itens, redigidos de maneira a que cada dimensão fosse representada, especificamente, por dez. Esta versão provisória foi sendo melhorada através de administrações piloto do questionário a diferentes grupos, acompanhadas por exercícios de reflexão falada, apreciações críticas e sugestões por parte de colegas e outros colaboradores voluntários. Após reformulação de algumas questões e eliminação de outras, chegou-se, finalmente, a uma versão final do instrumento que passou a conter um total 16 itens.

2.Questionário das Representações Disposicionais Maternas

Conforme foi dito, o *Questionário das Representações Disposicionais Maternas* (QRDM) agrega 16 itens. Cada um deles produz uma afirmação acerca do relacionamento do adulto com o(a) filho(a), cujos conteúdos proposicionais são numa

base apriorística referenciáveis a dimensões como a *disponibilidade emocional* para com a criança, as *actividades de relação lúdica* ou o *evitamento e gestão de conflitos*. Foram construídas duas versões do questionário, uma versão masculina para ser respondida por mães de, pelo menos, uma criança de sexo masculino e uma versão feminina para ser respondida por mães de, pelo menos, uma criança de sexo feminino (cf. Anexo 1). Deste modo, a formulação exacta das afirmações considera o sexo da criança sobre a qual o adulto se deve pronunciar e, por conseguinte, há duas versões do QRDM que apenas diferem na redacção das proposições. Ou seja, sempre que a criança significada é do sexo masculino é usada a expressão *meu filho*; no caso de ela pertencer ao sexo feminino é empregue o termo *minha filha*.

As respostas aos itens são fornecidas através da atribuição, pela mãe, de uma pontuação numa escala de tipo *Likert*, que varia entre 1 (*Nunca*) e 5 (*Muito Frequentemente*), relativamente à frequência com que demonstram determinados comportamentos/attitudes e sentimentos em relação aos seus filhos. Relatamos nas secções seguintes o estudo das principais propriedades métricas desta escala.

3.Método

3.1.Participantes

O QRDM foi administrado a 203 mães que tinham filhos ou filhas com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, sendo que 84 crianças (41.4%) tinham 4 anos, 70 crianças (34.5%) tinham 5 anos e 49 crianças (24.1%) tinham 6 anos de idade. Importa salientar que, das 203 mães, 71 eram mães/figuras maternas das 71 crianças avaliadas com a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*. O Nível Socioeconómico (NSE) das respondentes era médio e alto, e as suas crianças frequentavam os níveis de ensino pré-escolar e 1º ciclo em duas instituições privadas sedeadas na cidade do Porto.

3.2.Procedimento

O processo de recolha de dados ocorreu entre Abril e Junho de 2009 em dois Colégios do Porto.

O QRDM foi administrado, inicialmente, às mães das crianças que participaram neste estudo, a quem foi administrado a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*. O questionário foi entregue às Educadoras de quatro salas (2 de 4 anos e 2 de 5 anos) de um Colégio do Porto, e foi-lhes solicitado que os entregassem às mães/figuras maternas das crianças. Seguidamente, no mesmo Colégio, foram entregues os Questionários às Professoras de 3 salas de 1º ano do 1º Ciclo, que colocariam os mesmos nas mochilas das crianças de forma a serem respondidos pelas mães. Os restantes Questionários foram entregues noutra Colégio da Cidade do Porto em quatro salas (2 de 4 anos e 2 de 5 anos), tendo sido pedido às Educadoras que os entregassem em mão às mães/figuras maternas das crianças. Na introdução ao questionário era clarificado às mães que as suas respostas tinham um fim meramente estatístico e serviam para estabelecer normas de comparação, de forma a avaliar as respostas dadas por um grupo de pais no âmbito de uma investigação mais extensiva. Foi garantida disponibilidade total para esclarecimento de dúvidas através do contacto telefónico ou *email*.

Os questionários foram devolvidos cerca de três semanas a uma mês após a sua entrega, num envelope fechado através da educadora ou professora que tinha mediado o contacto.

4.Resultados

A análise quantitativa dos dados obtidos através dos questionários administrados às mães foi efectuada no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 16.0 para Windows.

Uma vez que se partiu do princípio de que os itens se agrupariam segundo três dimensões, procedeu-se à análise factorial dos resultados, recorrendo ao método de extracção das Componentes principais.

Tendo em conta a matriz das correlações, a apreciação de indicadores estatísticos como a determinante matricial ($D=.003$), o índice de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO=.884$), as medidas de adequação da amostra (MSA) relativas a cada um dos itens (valores situados entre .935 e .750) e os resultados do teste de esfericidade de Bartlett ($X^2= 1168.05$; $P<.001$) suportam, afirmativamente, a assunção da factoriabilidade dos *rs* apurados.

Verificou-se que apenas três das dezasseis componentes apresentam valores próprios superiores a 1 (cf. **quadro 1**) que explicam cumulativamente perto de 55% da variância total dos resultados.

Quadro 1 - Componentes extraídas e percentagem de variância explicada.

Componentes	Valor próprio (Eigenvalue)	Percentagem da variância	Percentagem acumulada
Componente 1	5.786	36.16	36.16
Componente 2	1.752	10.95	47.11
Componente 3	1.233	7.64	54.75

Tal constatação legitimou que se optasse por extrair apenas 3 componentes. Efectuou-se, então, a rotação oblíqua da matriz factorial pelo método Oblimin Directo com a normalização de Kaiser.

Definido o valor mínimo de .40 como critério de inclusão das variáveis para a interpretação dos factores, verificou-se, a partir da análise da Matriz Padrão (*Pattern Matrix*), que a estrutura de saturação dos itens nas diferentes componentes é, formalmente, bastante satisfatória.

De facto, conforme o **quadro 2** mostra, nenhum deles deixa de cumprir o critério de inclusão referido. Além disso, revelam todos grande especificidade saturando, ao nível requerido, um e apenas um factor.

A leitura do quadro permite verificar que a primeira componente é mais fortemente saturada por um conjunto de itens cujo conteúdo assinala disponibilidade emocional quer para dar espaço à expressão da autonomia (e.g., *sou capaz de esperar pacientemente quando o meu filho não encontra logo uma solução para determinado problema*), quer para ir ao encontro das necessidades afectivas da criança (e.g., *falo com o meu filho e tento ajudá-lo quando ele está preocupado ou tem algum problema*). Nesse sentido, considerou-se esses itens, de acordo com as expectativas iniciais, como integrando a subescala da *disponibilidade emocional*.

Pelo seu lado, os itens que sugerem envolvimento mútuo em actividades de divertimento (e.g., *Divirto-me com o meu filho*) saturam mais elevadamente a segunda componente. Considerou-se, por conseguinte, legítimo incluí-los na subescala das *actividades de relação lúdica*.

Quadro 2 – Saturação dos itens nos três factores.

Itens	Componentes		
	1	2	3
Brinco com o meu filho.	.006	.722	.030
Sei como reagir a determinados comportamentos do meu filho.	-.134	.159	.629
Tento ver as coisas do ponto de vista do meu filho.	.366	-.138	.543
Dou a entender ao meu filho que pode contar com o meu apoio quando precisa.	.892	-.094	-.059
Tento fazer com que o meu filho se divirta.	-.040	.746	-.188
Eu e o meu filho rimos juntos.	.085	.633	.103
Programo as actividades de forma a conseguir ter tempo para o meu filho.	.640	.076	.055
Falo com o meu filho e tento ajudá-lo quando está preocupado ou tem algum problema.	.775	.179	-.271
Realizo muitas tarefas em conjunto com o meu filho.	-.027	.709	.164
Estou presente e ouço o meu filho quando ele precisa e durante o tempo necessário.	.695	.057	.039
Quando o meu filho tem algum insucesso, tento encorajá-lo para que não desanime.	.810	-.009	-.028
Num desentendimento, sou capaz de suavizar a aspereza através do humor.	.028	.000	.693
Espero pacientemente quando o meu filho não encontra logo solução para um problema.	.496	.123	.260
Em situações de desentendimento com o meu filho, mantenho a calma.	.315	.041	.612
Sou paciente com o meu filho.	.529	.071	.398
Divirto-me com o meu filho.	.209	.530	.136

Finalmente, a terceira componente é saturada de modo mais significativo pelos itens que indicam a adopção de comportamentos proactivos face a situações de potencial desentendimento (e.g., *Tento ver as coisas do ponto de vista do meu filho*) ou respostas relacionadas com gestão de conflitos (e.g., *Num desentendimento com o meu filho, sou capaz de suavizar a aspereza através do humor*). Entendeu-se que estaria validada a sua integração na subescala do *evitamento e gestão de conflitos*. A soma das pontuações dos itens englobados em cada uma destas dimensões fornece o *score* de cada subescala.

A fim de se apreciar a sensibilidade das diferentes escalas, considerou-se as respectivas médias, a amplitude de dispersão e as medidas de assimetria e curtose (cf. **quadro 3**).

Como se pode verificar, as dispersões sugerem que existe em cada escala um espaço de variabilidade razoável entre os resultados. No entanto, no que diz respeito à *disponibilidade emocional*, o valor da curtose positiva superior a 2 mostra estar-se perante uma distribuição leptocúrtica (i.e. morfologicamente afunilada), susceptível de indicar uma sensibilidade pouco satisfatória desta subescala.

Quadro 3 – Média, dispersão dos resultados e coeficientes de assimetria e de curtose.

	Média	Dispersão	Assimetria	Curtose
Disponibilidade emocional	24.42	7-30	-1.42	2.51
Relação lúdica	21.86	14-25	-.628	-.290
Evitamento/gestão conflitos	14.78	8-20	-.247	-.151

Se para Almeida (1988), níveis de curtose de ± 1.00 indicam grau moderado de curtose, o mesmo autor sustenta que os valores compreendidos entre o intervalo de ± 3.00 não deverão ser tidos como indicadores de anomalia da distribuição. Por conseguinte, este conjunto de medidas permitem afirmar que a sensibilidade das escalas é minimamente satisfatória.

Quanto à consistência interna das escalas, as análises evidenciaram que os valores de *alpha* eram aceitáveis para as escalas de *evitamento e gestão de conflitos* ($\alpha = .657$) e das *actividades de relação lúdica* ($\alpha = .746$) e moderadamente elevado no caso da *disponibilidade emocional* ($\alpha = .863$).

5. Conclusões

Este capítulo teve como propósito apreciar as propriedades métricas do QRDM. As análises efectuadas mostraram que os itens se distribuem segundo três dimensões factorialmente consistentes. Embora uma as escalas apresente distribuição leptocúrtica, os indicadores apurados não sugerem anomalia susceptível de pôr em causa a sua sensibilidade. Por último, os índices de consistência interna, apesar de não atingirem níveis inquestionavelmente elevados, são minimamente satisfatórios.

Perante tais factos, parece-nos clara a necessidade de aperfeiçoamento do instrumento em ordem a aumentar a exactidão das avaliações. Não obstante, os dados apurados denotam características métricas que legitimam e tornam razoável a sua utilização em contexto de investigação.

Capítulo IV

Tarefa de Completar Histórias de Vinculação

1.Introdução

De acordo com a investigação no âmbito da vinculação, um contexto empático, sensível e responsivo providencia alguns factores essenciais para o desenvolvimento óptimo da criança (Page & Bretherton, 2001). Dando uso às habilidades verbais das crianças em idade pré-escolar, os teóricos da vinculação dedicaram-se à construção de instrumentos que avaliassem as representações da relação vinculativa destas às suas figuras cuidadoras (Page & Bretherton, 2001).

Vários são os instrumentos que poderiam ser usados para avaliar as representações das crianças em idade pré-escolar. Da vasta gama existente, foi seleccionada a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

Este instrumento tem como objectivo avaliar os modelos de funcionamento interno das crianças, na relação com a sua figura de vinculação, através das representações das mesmas.

2.Tarefa de Completar Histórias de Vinculação

Este instrumento pretende aferir os modelos de funcionamento interno da criança dos 3 aos 6 anos, na relação com a sua figura de vinculação (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). A *Tarefa* pretende avaliar os modelos internos através do complemento de histórias contadas, sendo para o efeito utilizadas pequenas figuras de uma família (mãe, pai, avó, 2 crianças do sexo masculino, uma mais velha e uma mais nova, e 2 crianças do sexo feminino, uma mais velha e uma mais nova) e alguns acessórios (mesa, bolo de aniversário, 4 pratos, 4 conjuntos de talheres, 4 copos, esponja verde para imitar a relva, pedra para imitar a rocha, cama, cobertor e caixa de cartão para imitar um carro) (cf. Anexo 2).

As histórias que constituem este instrumento foram concebidas de forma a extrair diferenças individuais nas representações das crianças, a partir de variadas questões acerca das histórias, tendo subjacente a relação de vinculação (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). Existem 5 histórias temáticas: uma primeira sobre o sumo entornado, que pretende avaliar a relação de autoridade entre a figura de vinculação e a criança; uma

segunda, sobre o joelho magoado, que pretende avaliar os comportamentos parentais de afecto em relação à dor; uma terceira, sobre o monstro do quarto, em que se pretende avaliar os comportamentos parentais de afecto em relação ao medo; uma quarta história, relativa a uma história de partida, onde se pretende avaliar a ansiedade de separação; e por fim, uma quinta história, relativa ao regresso, que pretende avaliar o comportamento afectivo na reunião. Há ainda uma história de aquecimento, administrada no início – festa de aniversário – que não faz parte da classificação, mas que pretende averiguar se a criança percebeu o procedimento da Tarefa e se está à vontade a manipular os bonecos. Ao longo das histórias, o administrador pode fornecer algumas pistas (*prompts*) à criança para direccionar ou clarificar personagens e acções (cf. Anexo 3).

3.Método

3.1. Participantes

Na administração da *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990) participaram 71 crianças. Das crianças da amostra, 33 eram do sexo feminino (46.5%) e 38 eram do sexo masculino (53.5%). A idade das crianças oscilava entre os 4 e os 5 anos, sendo que 42 tinham 4 anos (59.2%) e 29 tinham 5 anos (49.8%). As crianças eram de NSE médio e alto e frequentavam o pré-escolar de um Colégio do Porto.

3.2. Procedimento

O processo de recolha de dados ocorreu entre Abril e Junho de 2009 em quatro salas (2 salas de 4 anos e 2 salas de 5 anos) de um Colégio do Porto.

Inicialmente, foi enviada uma carta para casa dos pais das crianças, de modo a obter-se uma autorização formal para a administração do instrumento (cf. Anexo 4). Após recepcionada a autorização, procedeu-se à *Tarefa* com as crianças. O instrumento foi administrado no próprio colégio, em salas externas às salas de aula onde as crianças permaneciam quotidianamente. As narrativas das crianças foram gravadas em formato áudio, para posteriormente serem transcritas e avaliadas. Foi, também, utilizada uma

folha de registo observacional construída para registar observações ou comportamentos relevantes por parte da criança nas várias histórias (cf. Anexo 5).

O processo de transcrição das narrativas, do formato áudio para o papel, decorreu entre Julho e Setembro de 2009. A transcrição das narrativas, resultado da administração da *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* consistiu na transcrição textual do discurso das crianças da amostra, bem como das pistas do administrador.

No que concerne à classificação das narrativas da *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*, esta foi feita de acordo com os critérios dos autores (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). Estes critérios indicam que as transcrições das narrativas podem ser avaliadas através de uma análise de conteúdo, em duas vertentes: uma para verificar a capacidade demonstrada pela criança para compreender os temas das histórias e para criar uma solução resolutive das mesmas; e uma classificação que reflecta e deixe transparecer a segurança ou insegurança do padrão de vinculação.

4.Resultados

A vinculação pode ser representada num contínuo de segurança. Conceptualmente, o contínuo que classifica a segurança ordena a vinculação numa dimensão de *muito segura* num extremo, representando um funcionamento ideal do sistema de vinculação no suprimento de segurança, a *não vinculada* no outro extremo, reflectindo a ausência de segurança. Ao classificar a vinculação num contínuo de segurança, a escolha do número de pontos na escala é arbitrária, mas é provável que existam divisões consistentes e conceptualmente significativas dentro da escala: muito segura, segura, insegura, muito insegura e não vinculada (Cummings, 1990). Apesar do que o autor sugere, neste estudo decidiu-se não ter em conta o extremo *não vinculada*, uma vez que se considera, e o mesmo já foi referido no enquadramento teórico, que a criança estabelece sempre um vínculo à pessoa que lhe presta cuidados.

A análise das respostas das crianças na *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* revelou que as soluções seguras e inseguras tiveram grandes variações no plano intra e inter sujeito. Considerando a segurança/insegurança como constructo contínuo considerou-se os seguintes critérios para estabelecer o grau de segurança das crianças:

- 0 pontos (i.e., nenhuma das cinco narrativas avaliada como segura) – *Muito Insegura*
- 1/2 pontos (i.e., uma ou duas narrativas avaliadas como seguras) – *Insegura*
- 3 pontos (i.e., três narrativas avaliadas como seguras) – *Segura*
- 4/5 pontos (i.e., mais de três narrativas avaliadas como seguras) – *Muito Segura*

No que diz respeito à análise quantitativa dos dados obtidos através da *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*, esta foi efectuada no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 16.0 para Windows.

Conforme a **figura 1** ilustra, verificou-se na amostra estudada uma maior incidência de crianças *muito inseguras* (35.21%). Os resultados indicam que os casos seguros (crianças *seguras* mais *muito seguras*) estiveram minoritariamente representados (43.66%). Esta sub-representação de indivíduos seguros parece confirmar os resultados de outras observações efectuadas junto da generalidade das amostras de crianças portuguesas (cf. Fuertes, Lopes-dos-Santos, Beeghly, & Tronick, 2009).

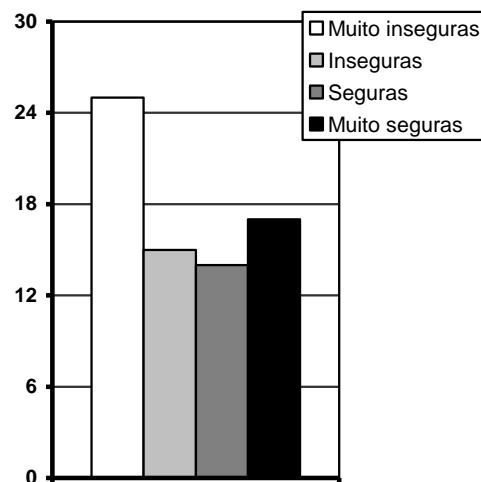


Figura 1 – Frequência de crianças classificadas nos vários níveis do contínuo de segurança.

As análises estatísticas não revelaram qualquer associação significativa entre os valores de segurança e a idade ou o sexo das crianças. Por conseguinte, não será feita, doravante, qualquer menção a estas duas variáveis.

Procurou-se verificar até que ponto as disposições representacionais das mães avaliadas pelo QRDM estavam relacionadas com a segurança das crianças. A **figura 2** mostra as médias nas escalas de *Disponibilidade Emocional*, das *Actividades de Relação Lúdica* e do *Evitamento e Gestão de Conflitos* em função dos níveis de segurança infantil.

Atendendo ao facto de que cada escala integrava diferente número de itens, para se uniformizar o espaço de variação, os resultados não são apresentados na base das somas dos pontos em cada escala, mas na base das médias da pontuação dos itens incluídos nessas escalas.

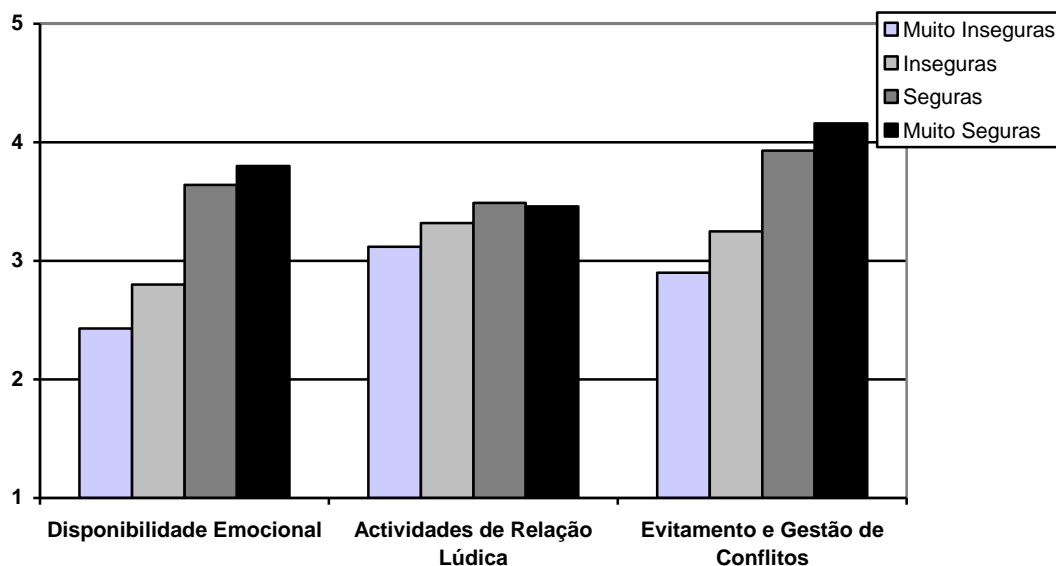


Figura 2 – Resultados nas escalas do QRDM em função dos níveis de segurança infantis.

Comparadas as médias através da análise da variância, constatou-se que as diferenças foram globalmente significativas nas escalas de *Disponibilidade Emocional* ($F_{3,67} = 47.95$; $p < .001$; $\eta_p^2 = .68$) e de *Evitamento e Gestão de Conflitos* ($F_{3,67} = 28.14$; $p < .001$; $\eta_p^2 = .56$). O teste de Bonferroni mostrou que, em ambas as escalas, as médias dos seguros e dos muito seguros diferenciaram-se de forma significativa das médias dos inseguros e dos muito inseguros.

No que respeita à escala das *Actividades de Relação Lúdica*, as análises não revelaram a existência de associações com os níveis de segurança ($F_{3,67} = 1.23$; n.s.).

A fim de testar a independência dos efeitos na predição da segurança, analisou-se, no contexto de uma abordagem multivariada, as relações entre as medidas da vinculação infantil e os resultados das escalas de *Disponibilidade Emocional* e de *Evitamento e Gestão de Conflitos*. Para tal, recorreu-se à técnica da análise da regressão, fazendo figurar ambas as escalas como variáveis independentes e os níveis de segurança como variável dependente. Sendo certo que este método estatístico pressupõe que todas as variáveis sejam avaliadas numa escala métrica, a circunstância

de se considerar as medidas de vinculação à luz de um constructo de contínuo de segurança fez com que se assumisse que tal requisito básico estava preenchido.

Recorrendo a solução *enter*, apurou-se que, no seu conjunto, ambas as variáveis independentes explicavam 68.9% da variância total da segurança ($R^2=.689$).

Quadro 1 – Coeficientes de regressão e respectivos valores de *t*

	Coeficiente regressão B	Erro padrão do coeficiente	Coeficiente padronizado (Beta)	<i>t</i>
(Constante)	-2.761	.460		-5.99**
Disponibilidade Emocional	.942	.163	.569	5.76**
Evitamento e Gestão de conflitos	.613	.188	.321	3.25*

* $p < .003$; ** $p < .001$

Os coeficientes de regressão apurados e os respectivos valores de *t* permitem concluir que os *scores* das escalas de *Disponibilidade Emocional* e de *Evitamento e Gestão de Conflitos* contribuem significativamente para a explicação dos resultados da segurança infantil.

5. Conclusões

No decorrer deste capítulo, pôde verificar-se a distribuição dos padrões vinculativos das crianças da amostra. Conjuntamente, analisou-se a relação das escalas da QRDM (cujas propriedades métricas já foram apreciadas anteriormente) em função da segurança da vinculação.

Concluiu-se que o padrão vinculativo com maior prevalência na amostra era o *muito inseguro*, apesar de haver uma dispersão razoável pelas diversas categorias do contínuo de segurança na relação.

Relativamente à relação entre as escalas do QRDM em função da segurança de vinculação, verificou-se a significância e validade das escalas da *disposição emocional* e

evitamento e gestão de conflitos, onde é possível concluir que os resultados obtidos nestas escalas do instrumento traduzem e explicam a segurança da relação existente na díade.

Capítulo V

Discutindo e concluindo: limitações e orientações para o futuro

As disposições representacionais maternas podem ser vistas como generalizações semânticas acerca da forma como as mães representam o exercício da própria parentalidade. As relações entre tais representações e o comportamento não são inteiramente claras. Bowlby (1980), por exemplo, questiona-se até que ponto as crenças, atitudes ou intenções generalizadas e conscientes reflectem o comportamento efectivo. Neste nosso estudo não observámos interacções. As crianças desempenharam com o examinador tarefas de construção narrativa e as mães responderam independentemente ao questionário. Todavia, foi possível detectar relações muito significativas entre ambos os tipos de medida. Ora, por um lado, existe alguma evidência sugerindo que as histórias construídas pelas crianças traduzem muito da experiência vivida nas relações com os pais. Por outro lado, os dados da literatura revelam inequivocamente que os modelos da segurança infantil se constituem em função da qualidade das interacções vividas com as figuras de vinculação. Parece, assim, plausível que as disposições representacionais por nós avaliadas estejam relacionadas com as características das trocas interactivas mãe-criança.

Tendo em conta a apreciação psicométrica realizada no âmbito desta dissertação, a análise estatística dos questionários revelou alguma sensibilidade da parte das dimensões e dos itens que compõem as mesmas. Apesar de estes itens poderem vir a ser aperfeiçoados no futuro, de forma a aumentar a sua validade e poder avaliativo, este questionário é passível de ser administrado a esta ou outras amostras similares.

Ao nível da distribuição da amostra, verificou-se que os casos seguros (que incluem crianças seguras e muito seguras) estiveram minoritariamente presentes, verificando-se numa sobre-representação das crianças com uma vinculação muito insegura. Este resultado pode ser confrontado com o estudo de Fuertes, Lopes-dos-Santos, Beeghly, e Tronick (2009), que verifica que em Portugal a prevalência de crianças saudáveis de classe média com vinculação segura varia entre 45% e 50% da amostra, comparativamente a alguns países europeus, onde a prevalência de casos de vinculação segura se situa nos 66% (van Ijzendoorn & Sagi, 1999). Esta constatação coloca uma questão em aberto: porque será que em Portugal há uma maior quantidade de crianças inseguras quando se confrontam os resultados das amostras internacionais?

No que concerne à análise das escalas do questionário, em função dos níveis de segurança da relação de vinculação, constatou-se que as diferenças significativas estão apenas nas escalas *disponibilidade emocional* e *evitamento e gestão de conflitos*. Relativamente à escala *actividades de relação lúdica*, esta não mostra diferenças significativas em função do nível de vinculação das crianças da amostra.

Relativamente às limitações encontradas na realização deste trabalho, podem ser enumeradas as seguintes no que toca à *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*: 1) a recolha de toda a amostra no mesmo local, com crianças que partilham o mesmo sistema educativo, contribui necessariamente para a pouca heterogeneidade da amostra; 2) a maturidade linguística das crianças poderia funcionar como um impedimento à congruência narrativa e emocional, uma vez que nas idades mais precoces a linguagem surge como menos desenvolvida e isto, de certo modo constitui uma restrição à leitura dos resultados obtidos. No respeitante ao Questionário das Representações Disposicionais Maternas, pode ser apontada a questão da administração, visto que o preenchimento foi realizado autonomamente pelas mães e, no caso de surgir alguma dúvida, esta não podia ser esclarecida pessoalmente.

Considera-se que seria interessante, do ponto de vista da investigação, que a heterogeneidade da amostra fosse alargada, o que pode ser conseguido, por exemplo, através das variáveis sócio-demográficas. Assim, exemplificando, em termos do nível socioeconómico, a amostra podia ser recolhida numa população de NSE baixo, visto que a amostra do presente estudo se situa no NSE médio-alto; em termos do nível etário, a amostra podia ser diversificada e incidir em crianças com 6 anos. O Questionário das Representações Disposicionais Maternas podia ser utilizado para avaliar o desempenho das mães depois de integrarem um programa de educação parental, de forma a verificar se há diferenças na resposta ao questionário prévia e posteriormente ao programa. Tanto o QRDM como a *Tarefa* podiam ser utilizados com populações de risco, nomeadamente, crianças institucionalizadas ou pais com problemáticas subjacentes à sua trajectória parental normativa, como por exemplo pais com historial de dependência a substâncias ou prostituição, entre outros.

Referências

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.

Baldwin, M. W. (1992). Relational schemas and the processing of social information. *Psychological Bulletin*, *112*, 461–484.

Belsky, J., & Nezworski, T. (1988). Clinical implications of attachment. In J. Belsky, & T. Nezworski (Eds.), *Clinical Implications of Attachment* (pp. 3-17). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Belsky, J., & Cassidy, J. (1994). Attachment: Theory and evidence. In M. L. Rutter, D. F. Hay, & S. Baron-Cohen (Eds.), *Development Through Life: A handbook for clinicians* (pp. 373-402). Oxford, England: Blackwell.

Bowlby, J. (1973). *Separation, anxiety and anger*, vol. 2 of *Attachment and Loss*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. vol. 3 of *Attachment and loss*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1982a). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, *52*, 664-678.

Bowlby, J. (1982b). *Attachment*, vol. 1 of *Attachment and Loss*, 2^a Ed. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1988). *A Secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.

Bretherton, I. (1985) Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing Points of Attachment Theory and Research. Monographs of the*

Society for Research in Child Development, 50 (1-2, Serial N° 209), 3-35. University of Chicago Press.

Bretherton, I. (1991). Pouring new wine into old bottles: The social self as internal working model. In M. Gunnar, & L. A. Sroufe (Eds), *Minnesota Symposia on Child Psychology: Vol. 23. Self processes and development* (pp. 1–41). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story-completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the Preschool Years: Theory, research, and intervention* (pp. 273-308). Chicago: University of Chicago Press.

Bretherton, I., Oppenheim, D., Buchsbaum, H., Emd, R. N., & the MacArthur Narrative Group (1990). *MacArthur story-stem battery*. Manuscripto não publicado.

Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: Guilford.

Bretherton, I., & Oppenheim, D. (2003). The MacArthur Story Stem Battery: Development, directions for administration, reliability, validity and reflections about meaning. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the Inner Worlds of Young Children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives* (pp. 55-80). New York: Oxford University Press.

Briere, J. N. (1992). Immediate and long-term impacts of child sexual abused. *The Future of Children*, 4, 54-69.

Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: Guilford.

Clyman, R. (2003). Portrayals in maltreated children's play narratives: Representations or emotional regulation? In R. Emde, D. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the Inner Worlds of Young Children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives* (pp.201-221). Oxford: University Press.

Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew, & D. Perlman (Eds.), *Attachment Processes in Adulthood*, Vol. 5 (pp.53-90). London: Jessica Kingsley Publishers.

Crittenden, P. M. (1988). Relationships at risk. In J. Belsky, & T. Nezworski (Eds.), *Clinical Implications of Attachment* (pp. 136-174). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Crittenden, P. M., & Claussen, A., H. (2000). *The Organization of Attachment Relationships: Maturation, Culture, and Context*. New York: Cambridge University Press.

Cruz, O (2005). Parentalidade. Coimbra: Quarteto.

Cummings, E. M. (1990). Classification of attachment on a continuum of felt security – Illustrations from the study of children of depressed parents. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the Preschool Years: Theory, research, and intervention* (pp. 311-338). Chicago: University of Chicago Press.

Diamond, D., & Blatt, S. (1994). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (2), 407-419.

Dodge, K. A., Pettit, G. S., Bates, J. E., & Valente, E. (1996). Social information-processing patterns partially mediate the effect of early physical abuse on later conduct problems. *Journal of Abnormal Psychology*, 104, 632-643.

Egeland, B. (2004). Attachment-based intervention and prevention programs for young children. *Encyclopedia on Early Childhood Development*. USA: Institute of Child Development, University of Minnesota. Consultado a 20 de Agosto de 2009 em <http://www.enfant-encyclopedie.com/Pages/PDF/EgelandANGxp.pdf>.

Erickson, M. F., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (1985). The relationship between quality of attachment and behavior problems in preschool in a high-risk sample. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1–2, Serial No. 209).

Fivush, R. (2006). Scripting attachment: Generalized event representations and internal working models. *Attachment & Human Development*, 8(3), 283-289.

Fivush, R., Haden, C. A., & Reese, E. (2006). Elaborating on elaborations: The role of maternal reminiscing style in cognitive and socioemotional development. *Child Development, 77*, 1568-1588.

Fogel, A. (1985). Relational narratives of the prelinguistic self. In P. Rochat (Ed.), *The Self in Infancy: Theory and research* (pp. 117-139). Amsterdam: Elsevier Science, BV.

Fuertes, M., Lopes-dos-Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a portuguese sample of healthy preterm infants. *European Psychologist*, (in press).

George, C. (1996). A representational perspective of child abuse and prevention: Internal working models of attachment and caregiving. *Child Abuse & Neglect, 20*, 411–424.

Harel, J., Oppenheim, D., Tirosh, E., & Gini, M. (1999). Associations between mother-child interaction and children's later self and mother feature knowledge. *Infant Mental Health Journal, 20* (2), 123-137.

Harris, P. L. (1999). Individual differences in understanding emotion: The role of attachment states and psychological discourse. *Attachment & Human Development, 1*, 307-324.

Horton, C., & Cruise, T. (1997). Clinical assessment of child victims and adult survivors of child maltreatment. *Journal of Counseling & Development, 76*, 94-104.

Huth-Bocks, A. C., Levendovsky, A. A., Theran, S. A., & Bogat, G. A. (2004). The impact of domestic violence on mothers' prenatal representations of their infants. *Infant Mental Health Journal, 25*(2), 79–98.

Koren-Karie, N., Oppenheim, D., Haimovitch, Z., & Etzion-Carasso, A. (2003). Dialogues of seven-year-olds with their mothers about emotional events: Development of a typology. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the Inner Worlds of Young Children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives* (pp. 338-354). Oxford University Press.

Laible, D., & Thompson, R. (2000). Mother–child discourse, attachment security, shared positive affect, and early conscience development. *Child Development, 71*, 1424–1440.

Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 407-419.

Lopes, J. A., Rutherford, R., Cruz, M. C., Mathur, S., & Quinn, M. (2006). *Competências sociais: Aspectos emocionais, comportamentais e de aprendizagem*. Braga: Psiquilíbrios.

Lopes-dos-Santos, P. N. A. (2009). *Comunicação pessoal*.

Main, M., Kaplan, N., & Casidy, J. (1985). Security in infancy childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing Points of Attachment Theory and Research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial N° 209), pp. 66-104. University of Chicago Press.

Main, M. (1996). Introduction to the special section on attachment and psychopathology: 2. Overview of the field of attachment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*(2), 237-243.

Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I., & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development, 6*, 305-325.

Niec, L. N., & Russ, S. W. (1996). Relationship among affect in play, interpersonal themes in fantasy, and children's interpersonal behavior. *Journal of Personality Assessment, 66* (3), 645-649.

Niec, L. N., & Russ, S. W. (2002). Children's internal representations, empathy, and fantasy play: A validity study of the SCORS_Q. *Psychological Assessment, 14*, 331-338.

Oppenheim, D. (1997). The attachment doll play interview for preschoolers. *International Journal of Behavioral Development, 20*, 681-697.

Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and*

research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3, Serial No. 244), 197-215.

Oppenheim, D., Koren-Karie, N., & Sagi, A. (2001). Mother's empathic understanding of their preschoolers' internal experience: Relations with early attachment. *International Journal of Behavioral Development*, 25 (1), 16-26.

Oppenheim, D. (2004). The added value of attachment theory and research for clinical work: Introduction to the special issue. *Infant Mental Health Journal*, 25 (4), 267-268.

Oppenheim, D. (2006). Child, parent, and parent-child emotion narratives: Implications for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology* 18, 771-790.

Oppenheim, D., Koren-Karie, N., & Sagi-Schwartz, A. (2007). Emotion dialogues between mothers and children at 4,5 and 7,5 years: Relations with children's attachment at 1 year. *Child Development*, 78 (1), 38-52.

Page, T. (2001). Attachment themes in the family narratives of preschool children: A qualitative analysis. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 18, 5.

Page, T., & Bretherton, I. (2001). Mother- and father-child attachment themes in the story completions of pre-schoolers from post-divorce families: Do they predict relationships with peers and teachers? *Attachment & Human Development* , 3, 1, 1-29.

Page, T., & Bretherton, I. (2003). Representations of attachment to father in the narratives of the preschool girls in post divorced families: Implications for family relationships and social development. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20, 2.

Papalia, D. E., Olds, S.W., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança*, 8ª Ed. Lisboa: McGraw-Hill.

Priel, B., Myodovnik, E., & Rivlin-Beniaminy, N. (1995). Parental representations among preschool and fourth-grade children: Integrating object relational and cognitive developmental frameworks. *Journal of Personality Assessment*, 65 (2), 372-388.

Robinson, J. L. (2007). Story stem narratives with young children: Moving to clinical research and practice. *Attachment & Human Development*, 9 (3), 179-185.

Rose-Krasnor L., Rubin, K. H., & Booth, C. L. (1996). The relation of maternal directiveness and child attachment security to social competence in preschoolers. *International Journal of Behavior Development, 19*(2), 309-325.

Rudolph, K., Hammen, C., & Burge, D. (1995). Cognitive representations of self, family and peers in school age children: Links with social competence and sociometric status. *Child Development, 66*, 1385-1402.

Schechter, D. S., Zygmond, A., Coates, S. W., Davies, M., Trabka, K.A., McCaw, J., Kolodji, A., & Robinson, J. L. (2007). Caregiver traumatization adversely impact young children's mental representations on the MacArthur Story Stem Battery. *Attachment & Human Development, 9* (3), 187-205.

Seligman, S. (1991). Conceptual and methodological issues in the study of internal representation: A commentary on infant mental health journal. *Infant Mental Health Journal, 12*, 2.

Slade, A., & Aber, J. (1992). Mothers' fantasy representations and infant security of attachment: Rorschach study of first pregnancy. *Psychoanalytic Psychology, 11* (4), 475-490.

Solomon, J., & George, C. (1999). The development of caregiving: A comparison of attachment theory and psychoanalytic approaches to mothering. *Psychoanalytic Inquiry, 19*, 618-646.

Sroufe, L. A. (1983). Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: The roots of maladaptation. In M. Perlmutter (Ed.), *Development and Policy Concerning Children with Special Needs: Vol. 16. The Minnesota symposia on child psychology* (pp. 41-83). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Sroufe, L. A. (1988). The role of infant-caregiver attachment in development. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), *Clinical Implications of Attachment* (pp. 18-38). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and development of children. *Infant Mental Health Journal, 21*, 67-74.

Thompson, R. (2006). Conversations and developing understanding: Introduction to the special issue. *Merrill-Palmer Quarterly*, 52, 1-16.

van Ijzendoorn, M.H., & Sagi, A. (1999). Cross-Cultural Patterns of Attachment: Universal and Contextual Dimensions. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research*. pp. 713-734. New York:Guilford Press.

Waters, E., Vaughn, B., Posada, G., & Kondo-Ikemura, K. (1995). Caregiving, cultural and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*. Vol. 60. Nos. 2-3.

Zahn-Waxler, C., Cole, P. M., Richardson, D. T., Friedman, R. J., Michel, M. K., & Belouad, F. (1994). *Merrill Palmer Quarterly*, 40, 98 – 119.

Zeanah, C. H., & Barton, M. L. (1989). Introduction: Internal representations and parent-infant relationships. *Infant Mental Health Journal*, Vol. 10, No. 3.

Zeanah, C., Benoit, D., Hirshberg, L., Barton, M. L., & Regan, C. (1994). Mother's representations of their infants are concordant with infant attachment classifications. *Developmental Issues in Psychiatry and Psychology*, 1, 1-14.

Zeanah, C.H., & Benoit, D. (1995). Clinical applications of a parent perception interview in infant mental health. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 4, 539-554.

Anexo 1

Questionário das Representações Disposicionais Maternas – Versões masculina
e feminina

Questionário das Representações Disposicionais Maternas

À Mãe/Figura Materna

Venho por este meio solicitar a sua colaboração num estudo efectuado no âmbito de uma Tese de Mestrado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O objectivo deste questionário, integrado num projecto de investigação, prende-se com o estudo do modo como as mães representam as relações com os seus filhos. Foi seleccionada para participar neste estudo porque é mãe/figura materna de, pelo menos uma criança com idade compreendida entre os 3 e os 7 anos de idade, pelo que lhe solicitamos que responda em função do relacionamento que tem com o seu filho dessa idade.

As suas respostas têm um fim estatístico e servem para estabelecer normas de comparação, de modo a avaliarmos as respostas dadas por um grupo de pais no âmbito de uma investigação mais extensiva.

Nas páginas seguintes apresentamos-lhe uma série de afirmações que dizem respeito ao modo como **representa a relação** com o seu filho.

Pedimos-lhe que indique, para **cada uma** dessas afirmações, a frequência com que ela descreve **o seu caso**.

Como deve responder

Em frente de cada afirmação consta uma **escala de resposta** como esta:

1 | 2 | 3 | 4 | 5

Como vê, há **cinco** opções das quais escolherá uma para dizer até que ponto a afirmação descreve a sua situação. O significado das diferentes opções é o seguinte:

Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Bastantes Vezes	Muito Frequentemente
1	2	3	4	5

Relativamente a cada afirmação, marque com um círculo o número que entender **ser o mais adequado**. Pedimos-lhe que não se esqueça de responder a **todas** as perguntas.

Agradeço desde já a sua participação e, se estiver disponível para colaborar neste estudo, por favor devolva este questionário devidamente preenchido à professora do seu filho.

Muito obrigada pela sua colaboração!

1. Brinco com o meu filho.	1 2 3 4 5
2. Sei como reagir a determinados comportamentos do meu filho.	1 2 3 4 5
3. Tento ver as coisas do ponto de vista do meu filho.	1 2 3 4 5
4. Tento fazer com que o meu filho se divirta.	1 2 3 4 5
5. Dou a entender ao meu filho que pode contar com o meu apoio quando precisa.	1 2 3 4 5
6. Eu e o meu filho rimos juntos.	1 2 3 4 5
7. Programo as minhas actividades de forma a conseguir ter tempo para o meu filho.	1 2 3 4 5
8. Falo com o meu filho e tento ajudá-lo quando ele está preocupado ou tem algum problema.	1 2 3 4 5
9. Realizo muitas tarefas em conjunto com o meu filho.	1 2 3 4 5
10. Estou presente e ouço o meu filho quando ele precisa e durante o tempo necessário.	1 2 3 4 5
11. Quando o meu filho tem algum insucesso, tento encorajá-lo de forma a que ele não desanime.	1 2 3 4 5
12. Num desentendimento com o meu filho, sou capaz de suavizar a aspereza através do humor.	1 2 3 4 5
13. Sou capaz de esperar pacientemente quando o meu filho não encontra logo uma solução para determinado problema.	1 2 3 4 5
14. Em situações de desentendimento com o meu filho, mantenho a calma.	1 2 3 4 5
15. Sou paciente com o meu filho.	1 2 3 4 5
16. Divirto-me com o meu filho.	1 2 3 4 5

Questionário das Representações Disposicionais Maternas

À Mãe/Figura Materna

Venho por este meio solicitar a sua colaboração num estudo efectuado no âmbito de uma Tese de Mestrado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O objectivo deste questionário, integrado num projecto de investigação, prende-se com o estudo do modo como as mães representam as relações com os seus filhos. Foi seleccionada para participar neste estudo porque é mãe/figura materna de, pelo menos uma criança com idade compreendida entre os 3 e os 7 anos de idade, pelo que lhe solicitamos que responda em função do relacionamento que tem com a sua filha dessa idade.

As suas respostas têm um fim estatístico e servem para estabelecer normas de comparação, de modo a avaliarmos as respostas dadas por um grupo de pais no âmbito de uma investigação mais extensiva.

Nas páginas seguintes apresentamos-lhe uma série de afirmações que dizem respeito ao modo como **representa a relação** com a sua filha.

Pedimos-lhe que indique, para **cada uma** dessas afirmações, a frequência com que ela descreve **o seu caso**.

Como deve responder

Em frente de cada afirmação consta uma **escala de resposta** como esta:

1 | 2 | 3 | 4 | 5

Como vê, há **cinco** opções das quais escolherá uma para dizer até que ponto a afirmação descreve a sua situação. O significado das diferentes opções é o seguinte:

Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Bastantes Vezes	Muito Frequentemente
1	2	3	4	5

Relativamente a cada afirmação, marque com um círculo o número que entender **ser o mais adequado**. Pedimos-lhe que não se esqueça de responder a **todas** as perguntas.

Agradeço desde já a sua participação e, se estiver disponível para colaborar neste estudo, por favor devolva este questionário devidamente preenchido à professora da sua filha.

Muito obrigada pela sua colaboração!

1. Brinco com a minha filha.	1 2 3 4 5
2. Sei como reagir a determinados comportamentos da minha filha.	1 2 3 4 5
3. Tento ver as coisas do ponto de vista da minha filha.	1 2 3 4 5
4. Tento fazer com que a minha filha se divirta.	1 2 3 4 5
5. Dou a entender à minha filha que pode contar com o meu apoio quando precisa.	1 2 3 4 5
6. Eu e a minha filha rimos juntas.	1 2 3 4 5
7. Programo as minhas actividades de forma a conseguir ter tempo para a minha filha.	1 2 3 4 5
8. Falo com a minha filha e tento ajudá-la quando ela está preocupada ou tem algum problema.	1 2 3 4 5
9. Realizo muitas tarefas em conjunto com a minha filha.	1 2 3 4 5
10. Estou presente e ouço a minha filha quando ela precisa e durante o tempo necessário.	1 2 3 4 5
11. Quando a minha filha tem algum insucesso, tento encorajá-la de forma a que ela não desanime.	1 2 3 4 5
12. Num desentendimento com a minha filha, sou capaz de suavizar a aspereza através do humor.	1 2 3 4 5
13. Sou capaz de esperar pacientemente quando a minha filha não encontra logo uma solução para determinado problema.	1 2 3 4 5
14. Em situações de desentendimento com a minha filha, mantenho a calma.	1 2 3 4 5
15. Sou paciente com a minha filha.	1 2 3 4 5
16. Divirto-me com a minha filha.	1 2 3 4 5

Anexo 2

Fotos dos materiais utilizados na *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação*



Foto 1 - Família



Foto 2 - Mesa com pratos, talheres e copos – História do Sumo Entornado



Foto 3 – Relva e rocha – História do Joelho Magoado



Foto 4 – Cama – História do Monstro no Quarto



Foto 5 – Carro – Histórias da Partida e da Reunião



Foto 6 – Família e acessórios

Anexo 3

PDF (Portable Document Format) com a *Tarefa de Completar Histórias de Vinculação* (Anexo Externo)

Anexo 4

Carta de autorização enviada aos pais

Para: Pais e Encarregados de Educação

Assunto: Participação num trabalho de investigação

Venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe num estudo efectuado no âmbito de uma Tese de Mestrado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Solicito, também, a participação da mãe ou da figura materna da criança, no sentido de preencher um pequeno questionário.

Este estudo tem como primeiro objectivo a avaliação das representações de vinculação da criança. Um segundo objectivo prende-se com o estudo da relação entre a representação de vinculação da criança e o modo como as mães representam as relações com os seus filhos.

A avaliação das representações de vinculação será realizada através de uma tarefa para completar histórias que representam situações do quotidiano familiar. Esta tarefa será apresentada em contexto escolar e terá uma duração de, aproximadamente, 20 minutos, e será acompanhada por uma gravação áudio do discurso do(a) seu (sua) filho(a). Não pretendemos avaliar capacidades ao nível da linguagem ou da lógica de construção de narrativas, mas apenas a forma como a criança representa as suas relações com os adultos do seu mundo social próximo. Os resultados do desempenho individual do(a) seu (sua) filho(a) poder-lhe-ão ser disponibilizados.

O questionário, cujo preenchimento lhe solicitamos, diz respeito ao modo como as mães representam as suas relações com os seus filhos.

A investigadora responsável pelo estudo assegura que todos os procedimentos éticos e deontológicos são contemplados, nomeadamente, ao nível da confidencialidade dos dados.

Caso esteja disponível para participar neste projecto, por favor entregue a autorização à educadora do(a) seu (sua) filho(a), e em breve ser-lhe-á enviado o questionário, que depois de preenchido deverá ser devolvido, também à educadora.

Se tiver alguma questão relativamente ao trabalho de investigação, por favor contacte a investigadora responsável, através dos seguintes contactos:

Telefone: 963971015/933648307

Email: nadine.pereira@gmail.com

A Investigadora
(Bruna Nadine Pereira)

O Professor Responsável
(Dr. Pedro Lopes dos Santos)

✂

Autorização

Fui informado(a) e percebi os objectivos e procedimentos do estudo, pelo que aceito participar no projecto, consentindo que os dados sejam apresentados de forma completamente anónima e confidencial em congressos e publicações científicas.

(Assinatura)

Anexo 5

Folha de registo observacional

Tarefa de Completar Histórias de Vinculação
Folha de registo de observações

Nome:
Data de nascimento:
Data de administração da prova:

Aquecimento – História do Aniversário
1 – História do Sumo Entornado
2 – História do Joelho Magoado
3 – História do Monstro no Quarto
4 – História da Partida
5 – História da Reunião
Observações Gerais